



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU



INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IPUFU

Bárbara Martins Pontes Rodrigues de Oliveira

Pesquisa bibliográfica: O uso das telas por crianças em contexto pandêmico (COVID-19)

Uberlândia/MG

2023

Bárbara Martins Pontes Rodrigues de Oliveira

Pesquisa bibliográfica: O uso das telas por crianças em contexto pandêmico (COVID-19)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa Dra Luciana Pereira de Lima

Uberlândia

2023

Bárbara Martins Pontes Rodrigues de Oliveira

Pesquisa bibliográfica: O uso das telas por crianças em contexto pandêmico (COVID-19)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Luciana Pereira de Lima.

Banca Examinadora

Uberlândia, 06 de dezembro de 2023

Prof.^a Dr.^a Luciana Pereira de Lima

Prof.^a Dr.^a Viviane Prado Buiatti

Prof.^a Me. Bruna Caixeta Alves Teixeira

Uberlândia

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que me apoiou desde a aprovação no curso até os difíceis momentos finais. Ao meu namorado, que me ajudou muito no meu processo de escrita, esteve ao meu lado em todos os momentos, acolheu todas as minhas angústias e me deu forças para concluir esta etapa final. A minha melhor amiga que esteve ao meu lado o tempo todo, disposta a me ajudar e me acalantar com seus elogios. Agradeço também a minha psicóloga, que em muitos momentos escutou todas minhas ansias e me acalmou da melhor forma possível, me fortalecendo. A minha orientadora e a todos que contribuíram de alguma forma para o processo e o desenvolvimento deste trabalho. Deixo a todos o meu muito obrigada!

Resumo

No cenário mundial, vivemos recentemente a pandemia de COVID-19, que trouxe impactos políticos, econômicos e sociais para diferentes países, como o Brasil. Nesse período, a vida e o contato social sofreram mudanças bruscas. Esse trabalho teve como objetivo realizar uma pesquisa bibliográfica, a qual buscou levantar e analisar as produções científicas nacionais que abordam o uso de telas pelas crianças no período de pandemia de COVID-19. O levantamento do material foi realizado através da plataforma CAPES/MEC, sendo selecionados artigos na íntegra, publicados no período de 2020 a 2022, em língua portuguesa. Desses, apenas seis (n=6) se enquadraram nos termos de inclusão da pesquisa. A partir da análise dos dados, de caráter qualitativo, foram construídas duas categorias de análise: 1) o uso das telas e o cotidiano familiar e 2) o uso das telas e o contexto escolar. As informações analisadas indicaram que, ao longo da pandemia, o uso das telas pelas crianças ocorreu com fins educativos e de entretenimento, sendo uma das suas principais atividades. Evidenciou-se que a implementação do ensino remoto pelas escolas atravessou as dinâmicas familiares e institucionais, contribuindo para o aumento do uso das telas na infância. Os desafios no monitoramento do uso das telas e o distanciamento das atividades físicas e lúdicas foram indicadas como problemáticas que influenciaram o desenvolvimento infantil. Assim, destacamos a necessidade de construção de novas pesquisas acerca da temática investigada, incluindo diferentes idades e posições socioeconômicas das/os participantes, para que possamos compreender e ampliar ações e reflexões na área.

Palavras-chave: Criança, tela, família, escola, COVID-19.

Abstract

In the global scenario, we have recently experienced the COVID-19 pandemic, which brought political economic and social impacts to different countries such as Brazil. During this period life and social interactions suffered abrupt changes. This work aimed to conduct a literature review which sought to identify and analyze national scientific productions addressing the use of screens by children during the COVID-19 pandemic. The material survey was carried out through the CAPES/MEC platform, with full articles selected published from 2020 to 2022 in the Portuguese language. Of these only six (n=6) complies with the inclusion criteria for the research. From analysis of qualitative two categories of analysis were constructed: 1) the use of screen and family daily life and 2) the use of screens and the school context. The analyzed information indicated that throughout the pandemic children's screen use occurred for educational and entertainment purposes becoming one of the main activities for children during social distancing. It was evident that the implementation of remote learning by schools impacted family and institutional dynamics contributing to increased screen usage in childhood. Challenges in monitoring children's screen use and distancing from physical and playful activities were identified as issues influencing child development. Thus we emphasize the need for the development of new research on the investigated theme including different ages and socioeconomic positions of participants to understand and expand actions and reflections in the field.

Keywords: Children, Screen, Family, School, COVID-19.

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	8
2. Introdução.....	9
2.1 A pandemia de COVID-19 e as infâncias.....	9
2.2 A pandemia de COVID-19 e as telas na infância.....	13
3. MÉTODO.....	15
4. Resultados e discussão.....	21
4.1 O uso das telas e o cotidiano familiar.....	21
4.2 O uso das telas e o contexto escolar.....	25
5. Considerações finais.....	28
6. Referências.....	31

1. Apresentação

Durante todo meu percurso como graduanda no curso de Psicologia da UFU (IPUFU), as temáticas que envolviam a infância, a influência do meio social e a constituição do ser me deslumbravam. Na graduação, pude ter um primeiro contato prático com tais temáticas no projeto de extensão “Parangolé: brincando com arte”, com a orientação da Profa Dra Paula Cristina Medeiros (IPUFU). Em uma segunda experiência, já essa particular de intercâmbio, durante o curso de Psicologia e em meio a pandemia, na França, experienciei um contexto familiar distinto ao meu, no qual convivia com uma criança.

Na França, as pessoas de diversas faixas etárias vivenciaram os efeitos do contexto pandêmico diariamente e, pude observar, como isso ocorria. Foi possível experienciar uma nova dinâmica familiar, primeiro porque eram pessoas de outra cultura e distintas do meu círculo de convivência. Segundo, pois houve uma mudança da rotina doméstica devido às políticas públicas do país em tempos de pandemia. Como responsável também por aquela criança, fui uma agente ativa dentro da família, observando e participando de ricas experiências naquele momento singular.

Todas as vivências, relatadas anteriormente, contribuíram para o surgimento do desejo de pesquisar questões relacionadas à criança e às suas vivências na pandemia de COVID-19, mais especificamente ao uso das telas.

Nesse cenário, o presente trabalho, que pretendeu analisar o uso das telas pelas crianças no contexto da pandemia utilizando a metodologia da pesquisa bibliográfica. Importante frisar que a utilização do termo “telas”, no presente trabalho, englobou: uso das tecnologias pelas crianças através de tablets, computadores, celulares e televisão. Meios esses que dão acessos a plataformas de redes sociais e conteúdos de comunicação.

A pesquisa teve o intuito de levantar, analisar e sintetizar elementos sobre a temática, os quais precisam ser levados em consideração, quando pensamos em propor alternativas de organização familiar, escolar e social pós período pandêmico. Esperamos tecer reflexões relevantes sobre o uso de telas pelas crianças nos cotidianos familiares e no processo de escolarização, durante a pandemia, lançando luz para suas influências no desenvolvimento das crianças que passaram por esse momento.

2. Introdução

2.1 A pandemia de COVID-19 e as infâncias

No final de 2019, em uma província chinesa, foram noticiados diversos casos de pneumonia, o que mais para frente foi constatado como um novo tipo de Coronavírus. Espalhando-se rapidamente, em fevereiro de 2020, a nomearam cepa¹ de SARS-CoV-2, causadora da doença que conhecemos pelo nome de COVID-19 (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2021; Organização Pan-Americana de Saúde [OPAS], 2021). Em Março de 2020 foi declarado estado de pandemia por apresentar muitos casos da doença em diversos países, o que gerou grande tensão em todo mundo por ser ultra contagiante. Em 11 de maio de 2020, o Conselho Nacional de Saúde (CNS) recomenda: “a implementação de medidas de distanciamento social mais restritivo (*lockdown*), nos municípios com ocorrência acelerada de novos casos de COVID-19 e com taxa de ocupação dos serviços atingindo níveis críticos” (CNS, 2020, p. 1).

Essas medidas foram implementadas na intenção de conter o rápido contágio entre as pessoas, a fim de evitar crises de saúde pública. Devido a isso, escolas, centros de lazer, serviços não essenciais foram fechados e muitas empresas modificaram suas dinâmicas trabalhistas adotando o *home office* (trabalho remoto). Sendo assim, muitos empregados tiveram que transformar o espaço da sua casa em escritório, continuando suas atividades na sua própria residência.

¹ “Cepa é uma variante que é construída de maneira diferente e, portanto, se comporta de maneira diferente em relação ao vírus original. Essas diferenças de comportamento podem ser sutis ou óbvias” (CISSP, p. 1, 2021).

Desse modo, a dinâmica familiar mudou completamente em um curto espaço temporal, sendo que a casa, para muitas famílias, tornou-se o espaço de todas as atividades. O lugar onde adultos trabalhavam, praticavam atividades físicas, e as crianças estudavam, brincavam. Alguns metros quadrados se tornaram a única possibilidade de convivência e de existência por muitos meses para milhares de famílias ao redor do mundo todo. Por outro lado, para algumas crianças, também se abriram novas perspectivas, pois elas passaram mais tempo dentro do ambiente familiar, com os pais e/ou responsáveis (Araújo, 2022).

O Psicopedagogo Italiano Francesco Tonucci em uma entrevista para o jornal *El País* trouxe a casa, nesse momento pandêmico, como um "laboratório de todas as coisas". Para o autor, por exemplo, a cozinha se transformaria em um laboratório de ciência, em que as crianças poderiam, junto com os pais, cozinhar algo, aprendendo química, física e literatura, caso sigam ou escrevam alguma receita (Tonucci, 2020). O psicopedagogo propunha leitura coletiva entre os adultos e crianças em algum momento do dia, além de outras atividades as quais pudessem fazer com que a convivência e o aprendizado dentro do contexto pandêmico fosse mais leve.

Rolim, Guerra e Tassigny (2008) afirmam que o desenvolvimento humano está diretamente ligado com o meio sócio-cultural e, para progredir, é extremamente necessário o suporte dos indivíduos que fazem parte do mesmo meio social. Com as escolas fechadas e a mudança na dinâmica familiar, as crianças foram expostas a um período de grande restrição do contato com suas semelhantes. Além de serem privadas, momentaneamente, de espaços maiores onde podiam se exercitar, brincar e se desenvolver. Nesse cenário, outras rotinas, formas de comunicação e de estudo surgiram. Ademais, novas adaptações foram forçadamente criadas, impactando o desenvolvimento e o brincar na infância (Linhares & Enumo, 2020).

Queiroz, Maciel e Branco (2006), baseados nas ideias de Vigotski, afirmam que o sujeito torna-se quem é a partir da interação com outras pessoas. Entendemos, portanto, a brincadeira como uma atividade, a qual deve ser priorizada para a constituição e desenvolvimento de um sujeito. As atividades lúdicas (brincadeiras) são cruciais na infância, porque é através dessas

que as crianças se expressam, há uma troca entre indivíduo e sociedade. Por meio delas o aprendizado e o desenvolvimento infantil vão evoluindo e se transformando. Para as autoras Queiroz et al. (2006), essas atividades vão se transformando conforme a pessoa cresce, o que fornece diferentes ferramentas para se expressar, comunicar e manter um convívio com a sociedade. Estar vivenciando diversos hábitos e costumes, amplia o seu ser, o que possibilita o desenvolvimento do sujeito.

Nesse cenário, a escola é concebida como um espaço muito importante na vida das crianças. Muitas delas passam grande parte de seus dias nesse ambiente, no qual devem ser utilizados instrumentos lúdicos para promover o desenvolvimento infantil e que podem ser apresentados por meio da estruturação de brincadeiras. Para Queiroz et al. (2006), a estruturação da brincadeira para a criança vai de acordo com o seu processo de desenvolvimento. Dessa forma, vão sendo construídas maneiras diferentes de a criança se expressar através da brincadeira, isto é, do lúdico.

Na pandemia de COVID-19, após as recomendações da OMS para as pessoas permanecerem em suas casas, esse processo de desenvolvimento infantil se modificou, devido a uma limitação nos espaços sociais das crianças. As instituições de ensino suspenderam suas atividades presenciais, o que causou uma quebra na rotina de todos os sujeitos em período escolar. Um estudo feito na USP (Universidade de São Paulo) por Sá, et al. (2021) teve como objetivo investigar como se mantiveram as atividades com crianças de menos de 13 anos, dentro do contexto do isolamento social. De acordo com a pesquisa, mais de 56% das crianças não possuíam espaço específico de exercício físico. Além disso, os pais relataram que o tempo das crianças em contato com telas aumentou, sendo assim maior que o tempo em que passavam na escola. No entanto, o momento para se dedicar às atividades em família também foi intensificado em comparação ao período anterior ao distanciamento social. Os resultados encontrados na pesquisa apontaram, ainda, grande aumento de atividades sedentárias em indivíduos acima de 3 anos o que, de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria, vai além do recomendado, contribuindo com comportamentos ansiogênicos e estados depressivos (Sá, et al. 2021).

Ainda abordando a suspensão das aulas presenciais, tem-se que o ensino remoto foi adotado, com o intuito de ser uma alternativa para manter o processo de aprendizagem, mesmo tendo limitações. Moreira e Schlemmer (2020) define o ensino remoto como: “uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pelo COVID-19” (p. 8).

De acordo com Barbosa, Anjos e Azoni (2022), existiram limitações para o acesso às atividades escolares, atravessadas pela questão do nível econômico. Importante frisar, que não eram todas as famílias que possuíam acesso a internet e aos dispositivos necessários para que as crianças acompanhassem as aulas ou realizassem atividades de forma remota. Além disso, dificuldades para desenvolver habilidades nessa forma de ensino, o tempo de atenção nas aulas, e o pouco envolvimento das pessoas com a proposta, são outros obstáculos identificados nesse modelo (Barbosa, Anjos & Azoni, 2022).

De forma geral, Barbosa et al. (2022) destacam que as crianças “obrigatoriamente” foram expostas por um período maior a internet, telas de computadores e telefones, a fim de dar continuidade aos estudos.

Por fim, Lima et al. (2022), ao refletirem sobre o ensino remoto e as experiências familiares e infantis, expõem a dificuldade de pais e/ou responsáveis para conciliar as tarefas domésticas, o trabalho em modelo *home office*, e auxiliar as crianças com as atividades pedagógicas propostas pelas escolas durante o isolamento social. Alguns familiares não concordaram com a forma que essas atividades foram fornecidas e acreditam que não possuem tempo e preparo pedagógico para ajudar as crianças (Lima et al., 2022).

2.2 A pandemia de COVID-19 e as telas na infância

Com a globalização, o acesso às informações foi extremamente facilitado por instrumentos como a internet associada como uso dos celulares, tablets, computadores, entre outros, influenciando assim a aprendizagem e a educação.

Mathias e Gonçalves (2017) apontam vantagens e desvantagens sobre a globalização e o progresso tecnológico, em que esse último se torna uma ferramenta importante para o trabalho, pesquisa e aprendizagem. Por outro lado, as crianças são introduzidas no meio tecnológico precocemente, o que pode causar alterações no processo de crescimento e nas suas infâncias. (Mathias & Gonçalves, 2017).

Desde esse fenômeno global, o tempo de uso de aparelhos eletrônicos com acesso a internet aumentou, ampliando o acesso a muitas informações e promovendo uma conexão mais rápida e fácil entre as pessoas. Durante o distanciamento social adotado no período pandêmico, o acesso aos aparelhos eletrônicos e a busca de informações por meio dessa tecnologia, pelas crianças, emergiu como uma questão social, dada a complexidade da situação (Santos & Lima, 2023).

Para as crianças, o uso dos aparelhos eletrônicos pode ter um lado negativo: ser aquilo que gera distração, quando a intenção é apenas o entretenimento (Santos & Lima, 2023). Para Santos e Lima (2023), tal fato pode gerar uma dependência ao uso de telas, o que poderá afetar o desenvolvimento infantil, já que o desejado na primeira infância, é a promoção e a vivência de brincadeiras, de forma que usem o corpo ou brinquedos, e não telas e luzes por muitas horas durante o dia.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) traz, em 2019, uma atualização do manual de orientações já publicado em 2018, com a recomendação quanto ao tempo de uso de telas de acordo com a idade das crianças e os perigos da exposição a telas de forma precoce. Assim, o documento sugere evitar expor as crianças de até 2 anos a qualquer tipo de tela. Já para aquelas de 2 a 5 anos de idade, a recomendação é de até 1 hora por dia com a supervisão dos cuidadores. Por fim, para as

crianças de 6 a 10 anos, a recomendação é limitar o uso de 1 a 2 horas por dia, também com supervisão dos adultos (SBP, 2019).

O documento da SBP (2019) também traz alguns alertas sobre quando tais sugestões não são seguidas. No caso de bebês, pode ocorrer um atraso no desenvolvimento da fala e transtorno de sono, este devido ao contato com a luz das telas por longos períodos. Nas crianças e adolescentes, mudanças no comportamento podem ser observadas pelos pais, como: irritabilidade, agressividade, estresse, transtornos do sono, falta da prática de exercícios físicos e um aumento da ansiedade (SBP, 2019).

Considerando as mudanças drásticas de contexto e da readaptação da sociedade durante a pandemia, erguemos algumas interrogações: como ocorreu o uso das telas pelas crianças na pandemia? O que as produções nacionais trazem a respeito do uso de telas pelas crianças durante o período de pandemia e seus impactos no desenvolvimento infantil?

A partir desses questionamentos, o presente trabalho teve o intuito de levantar e analisar as produções científicas nacionais que abordam o uso de telas pelas crianças no período de pandemia de COVID-19. Desse modo, buscamos ampliar o debate sobre as possíveis influências do uso de tela na vida das crianças que passaram por esse momento de pandemia e tiveram suas dinâmicas familiares alteradas, assim como suas atividades escolares e recreativas. Com isso, almejamos que a investigação indique novas perspectivas de estudos na área, além de promover aporte teórico para intervenções práticas que poderão ser construídas frente ao impacto do uso das telas no desenvolvimento infantil.

3. MÉTODO

O presente estudo utilizou a Pesquisa Bibliográfica como método de investigação, que busca abordar temas atuais e pouco explorados na literatura científica. A intenção deste, é fazer um trabalho aporte para outras pesquisas na área.

Para Lima e Miotto (2007, p. 38) “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. Dessa forma, os procedimentos metodológicos são precisamente estabelecidos, além de passarem por um processo de avaliação e reavaliação de tempos em tempos.

A construção da pesquisa foi feita inicialmente pelo levantamento de artigos científicos na plataforma online de Periódicos CAPES/MEC (Coordenação de Aperfeiçoamentos de Pessoal de Nível Superior). O Portal de Periódicos da CAPES/MEC foi escolhido, pois “é um dos maiores acervos científicos virtuais do País [...] São mais de 38 mil periódicos com texto completo e 396 bases de dados de conteúdos diversos” (Ministério da educação/ CAPES, 2020).

Para o levantamento dos artigos no Portal CAPES/MEC, foram estabelecidas palavras-chave, buscando alcançar o maior número de trabalhos que abordavam a temática investigada, e que compuseram a Tabela 1, apresentada a seguir:

Tabela 1

Palavras-Chave da Pesquisa para Seleção de Artigos

Palavra-chave 1 (singular e plural)	Palavra-chave 2 (singular e plural)	Palavra-chave 3 (singular e plural)
Infância	Covid-19	Telas
Infantil	Pandemia	Tecnologias digitais
Criança	Coronavírus	Celular
Bebê	Pandêmico	Tablet
-----	-----	Notebook
-----	-----	Televisão

A partir da Tabela 1 foi realizado o cruzamento das palavras-chave da pesquisa, a fim de encontrar os trabalhos que discutiam a temática adotada na presente investigação. Foram levantados artigos científicos escritos em português e publicados entre os anos de 2020 a 2022. O período de publicação dos artigos foi delimitado, tendo em vista o momento de início da pandemia e o tempo de realização da presente pesquisa. Além disso, foram realizadas 96 combinações com as palavras-chave da primeira, segunda e terceira colunas da Tabela 1, o que totalizou 183 documentos encontrados na plataforma CAPES.

Posteriormente, foi feita a seleção dos artigos a partir da leitura dos títulos e resumos. Nessa etapa, foram excluídos alguns artigos devido aos seguintes motivos: eram repetidos, não estavam em português, não foram encontrados na íntegra, não abordavam o tema “uso das telas pelas crianças no período de pandemia” e aqueles que haviam sido publicados fora do período de 2020 a 2022. A partir disso, foram localizadas 51 referências.

Posteriormente, foi feita uma leitura dinâmica para observar e confirmar se o uso das telas aparecia como tema nas 51 referências encontradas. Ao final, foram obtidas 6 publicações que atenderam a todos critérios pré-estabelecidos no objetivo da pesquisa. Por último, foi feita uma análise qualitativa dos artigos. Segundo Proetti (2017), na abordagem qualitativa a intenção é explicar e comparar detalhadamente as questões estudadas, seus significados e características. Dessa forma, são abordados pontos culturais, valores, opiniões e comportamentos do público-alvo estudado.

Importante frisar, que apenas um dos seis artigos selecionados focou exclusivamente no tema da pesquisa. Os demais artigos selecionados traziam, de alguma forma, a discussão da temática sobre o uso de telas pelas crianças na pandemia de COVID-19.

Na tabela a seguir (Tabela 2), encontram-se os 6 artigos selecionados, contendo informações do ano de publicação, título, autores e os tópicos de maior prevalência do texto. Dessa forma, será possível identificá-los com mais facilidade durante a discussão. Após a exposição das informações dos artigos na tabela, utilizamos dois tópicos para categorizar a análise dos dados encontrados, sendo eles: 1) o uso das telas e o cotidiano familiar e 2) o uso das telas e o contexto escolar.

Tabela 2

Conjuntos dos Artigos Selecionados para a Pesquisa Qualitativa

Título da Pesquisa	Autores	Data de publicação	Tipo da pesquisa	Tópico
Quanto tempo o tempo tem? O cotidiano das crianças durante a pandemia do COVID-19	Juliana Prates Santana Lia da Rocha Lordelo Adriana Freire Pereira Férriz	2022	Qualitativa	(2) Uso das telas cotidiano familiar
Desafios da Educação infantil em tempos de pandemia: A tecnologia em questão	Magda Barbosa da Silva Janaína Nogueira Maia Carvalho	2021	Qualitativa	(1) Uso de telas e Educação Infantil

Implicações da COVID-19 no cotidianos de famílias nordestinas e no cuidado infantil	Jordan Prazeres Freitas da Silva Márcia C. Castro Camila Machado de Aquino Carla Renata Braga de Souza Hermano Alexandre Lima Rocha Luciano Lima Correia Elisa Rachel Pisani Altafim Francisco Ariclene Oliveira Márcia Maria Tavares Machado	2022	Qualitativa	(2) Uso das telas cotidiano familiar
Educação infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia	Cleriston Izidro dos Anjos Deise Juliana Francisco	2021	Qualitativa	(1) Uso de telas e Educação Infantil
O acesso a tecnologias pelas crianças: necessidade de monitoramento	Thaís Aluane Silva Santos Kátia Terezinha Alves Rezende Ione Ferreira Santos Sílvia Franco da Rocha Tonhom	2020	Qualitativa	(2) Uso das telas e cotidiano familiar
Distanciamento social COVID-19 no Brasil: efeitos sobre a rotina de atividade física de famílias com crianças	Cristina dos Santos Cardoso de Sá André Pombo Carlos Luz Luis Paulo Rodrigues Rita Cordovil	2021	Quali-quantitativa	(2) Uso das telas cotidiano familiar

Quase todos os artigos citam todos os tópicos que serão abordados na análise: educação infantil, o monitoramento dos pais e/ou responsáveis quanto às tecnologias, desigualdade sócio-digital, relação instituições-responsáveis, alimentação e atividade física em tempo de pandemia, reorganizações e atividades familiares. A fim de abordar todas essas temáticas e com o intuito de tornar o texto mais fluido ao leitor, a apresentação e a discussão dos resultados, realizadas a seguir, foram estruturadas em

duas categorias: 1) o uso das telas e o cotidiano familiar e 2) o uso das telas e o contexto escolar. Nesses itens foram discutidos os 6 artigos selecionados e os pontos levantados nos manuscritos e que se entrelaçavam com o uso das telas pelas crianças no período de pandemia.

4. Resultados e discussão

4.1 O uso das telas e o cotidiano familiar

Neste tópico, analisaremos o uso das telas pelas crianças e o cotidiano familiar, apontando elementos que atravessaram e constituíram o debate do tema nos artigos, como: desigualdade social-digital e o monitoramento dos familiares e/ou responsáveis pelas crianças em relação às telas. Ao final, apresentaremos alguns malefícios do aumento do uso das telas pelas crianças, em diálogo com a literatura analisada.

Conforme já discutido na parte introdutória da presente monografia, durante a pandemia houve um aumento pelas crianças do uso das tecnologias, tais como jogos, videogames e televisões. Tal fenômeno esteve atrelado ao fato de que as crianças passaram a ter mais tempo ocioso, devido a suspensão das aulas e das atividades presenciais por um tempo (Santos & Lima, 2023).

Nesse cenário, foi possível observar que as atividades em conjunto com as crianças em casa aumentaram e diminuíram de acordo com a disponibilidade e a vontade dos pais e/ou responsáveis. Silva e Carvalho (2021) afirmam que o distanciamento social possibilitou aos membros das famílias um maior tempo juntos, seja ele no ato de ajudar as crianças nas atividades escolares, ou no manuseio das tecnologias e afazeres em casa. Foi incluída nas atividades cotidianas das crianças, alguns afazeres domésticos, o que possibilitou um compartilhamento dessas atividades entre pais e filhos, promovendo uma nova organização familiar (Silva et al, 2022).

De acordo com Silva et al. (2022), na pandemia de COVID-19, houve uma reorganização familiar. No âmbito doméstico, a responsabilidade do cuidado das crianças não foi exclusiva de pais, sendo exercida também por avós, tias, entre outros membros. Dito isso, o contato entre os parentes e as crianças também aumentou. Outro ponto que os autores destacam é uma maior dedicação do tempo

livre dos adultos em atividades manuais e brincadeiras, sendo que estas foram utilizadas até para explicar de forma mais lúdica a contaminação do vírus ou a pandemia por si só, o que foi denominado de “vínculo parental positivo” (Silva et al, 2022).

A pesquisa feita por Sá et al. (2021), em que procurou investigar o enfrentamento do distanciamento social pelas crianças, a partir da perspectiva dos responsáveis das crianças menores de 13 anos, revelou ainda que 52,1% dos entrevistados relatam que houve um aumento das atividades familiares em relação ao período em que não havia o distanciamento social. No entanto, não foram especificadas quais atividades foram executadas, somente houve o apontamento da vontade dos pais de aproveitarem esse tempo em família para aprimorar a autossuficiência de seus filhos.

Nesse mesmo estudo, os autores colocam uma preocupação quanto aos hábitos das crianças no período pandêmico, indicando que 60% do tempo gasto pelas crianças no distanciamento social foram em atividades sedentárias. Conforme a idade fosse aumentando, proporcionalmente o tempo gasto com as atividades sedentárias intensificava (Sá et al., 2021). Estas atividades eram: atividades em redes sociais, já que a forma de manter o contato com outras pessoas era através dessas; jogos online; tempo de tela em televisão e video games. Concomitante à diminuição da prática de atividade física apresentada, um outro problema aparece: o aumento de peso devido a má alimentação e a baixa prática de atividade física (Sá et al., 2021).

Com isso, Silva et al. (2022) afirmam que a mudança brusca da rotina quebrou a prática de alimentação saudável, o que pode repercutir em alterações de comportamento, tais como: ansiedades, irritação, medo e até distúrbios no padrão do sono. Os autores também trazem que os pais e/ou responsáveis tiveram melhores condições de ofertar uma alimentação mais balanceada para as crianças durante a noite, mas em contrapartida, durante o dia, elas tiveram mais acesso aos alimentos processados e com muito açúcar, aspecto esse que pode gerar doenças crônicas, pois as crianças não tiveram tanto contato com espaços ao ar livre para praticar atividades físicas.

Santana et al. (2022) realizaram pesquisas cujos objetivos foram investigar a experiência da organização cotidiana das crianças de Salvador e da região metropolitana durante a pandemia, em relação à percepção do tempo e a condução do tempo livre e escolar dentro do ambiente doméstico. A pesquisa, a qual foi respondida pelas crianças, também indicou que existiu uma baixa regularidade do brincar. Uma ideia do porque disso seria devido a elas mesmas não considerarem o uso das tecnologias para jogos, assistir vídeos ou até mesmo o fato de brincar sozinhas propriamente dito, como brincadeiras (Santana et al. 2022). Tal fato é preocupante considerando o momento de pandemia e a restrição de espaço social, pois para elas essa sensação de não estar realmente brincando pode ter gerado tédio (Santana et al. , 2022).

A importância do brincar e do lúdico é amplamente debatida na Psicologia. De acordo com Vigotski (1991), a utilização do brinquedo auxilia as crianças a desenvolver funções psíquicas superiores, contribuindo com o processo de tornar-se humana. Dessa forma, quando pensamos em uma substituição dos brinquedos pelas telas, partimos do pressuposto de que ocorrerão mudanças nas trajetórias desenvolvimentais de seus usuários. Através da presente

Para Vigotski, o meio social é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois instiga o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, ou seja, é a partir do contato com o meio social e cultural que a criança constrói aporte para seu desenvolvimento psicológico. Conforme as relações sociais são internalizadas, elas desempenham papel fundamental na constituição da personalidade do ser (Sirgado, 2000).

É na brincadeira que as crianças imaginam cenários diferentes das que estão, podem alcançar desejos que não são possíveis de serem realizados no mundo real ou desejos que não podem ser realizados com frequência. Aprendem as regras sociais na brincadeira, dando significado para as coisas, além de impulsionar o desenvolvimento motor das crianças na primeira infância (Vigotski, 2008).

Considerando que as crianças não possuem a mesma condição socioeconômica e acesso digital, é possível vislumbrar ainda que as atividades cotidianas de cada grupo social possuiu diferenças na pandemia de COVID-19. (Santana et al., 2022).

Santana et al. (2022) evidenciam diversidades na ocupação cotidiana das crianças de acordo com a posição socioeconômica das famílias. Segundo as autoras, a população em situação de vulnerabilidade teria menos acesso às tecnologias digitais e passaria mais tempo livre com atividades menos estruturadas, algo que poderia possibilitar o aumento do contato com atividades menos seguras e de maior comportamento de risco como: violência, abuso, e uso de drogas (Santana et al., 2022).

Anjos e Francisco (2021) afirmam ainda o fato de que, não ter o acesso às tecnologias pode causar, por si só, sofrimento para as crianças. Logo, o “apropriar-se” dessas ferramentas eletrônicas seria uma maneira de ser ativo na sua própria criação e na cultura que a criança está inserida (Anjos & Francisco, 2021). Desse modo, haverá um entendimento dos benefícios e perigos do uso das tecnologias, por parte delas, o que irá auxiliar, também, num posicionamento crítico sobre o uso (Anjos & Francisco, 2021). Além disso, menores de 6 anos, estão em fase de desenvolvimento, portanto necessitam de uma intermediação dos pais e/ou responsáveis quanto ao uso das tecnologias, isto é, uma supervisão do tempo e dos conteúdos que as crianças estão consumindo (Anjos & Francisco, 2021).

Santana et al. (2022) problematizam a falta de monitoramento e o fato das crianças ficarem ociosas na pandemia, ou seja, com muito tempo livre. Tal situação, na visão das autoras, poderia influenciar negativamente o desenvolvimento pessoal e educacional das crianças, seja no presente e/ou no futuro. As autoras Silva e Carvalho (2021) afirmam que, para que haja esse monitoramento dos filhos, é necessária disposição, bem como condições de trabalho e de vida dos pais e/ou responsáveis, de modo que o uso das tecnologias não seja negativo. A ausência de uma boa orientação poderia fazer com que a atenção focada não se volte para saberes que resultam na aprendizagem no âmbito familiar. Aqui consideramos o monitoramento, o cuidado, o controle dos responsáveis em saber o conteúdo consumido pelas crianças e o tempo de uso.

Silva et al. (2022) expõem que, na pandemia de COVID-19, houve uma maior permissão dos pais e/ou responsáveis quanto ao tempo de exposição de telas dos filhos, devido ao distanciamento físico. Os autores afirmam, porém, que a falta dos pais e/ou responsáveis nesses momentos do uso das tecnologias poderia ocasionar redução nos empenhos escolares e prejuízos aos estados mentais dos usuários da tecnologia. (Silva et al., 2022)

Diante disso, Santos et al. (2020) colocam que é importante que as crianças sejam instruídas a fazer uma seleção das informações que estão tendo contato, de modo a promover sentido a elas, assim como diferenciar o mundo digital do real. Além disso, Santos et al. (2020) apontam um certo receio, por parte dos pais e/ou responsáveis, de que as crianças reproduzam o que assistem, na vida real, “jogando” com adultos e seus semelhantes. As autoras trazem exemplos atuais nos quais essa mistura entre o real e o imaginário tem ocorrido, como nos vídeos de “trollagem”. Assim, a intermediação de um adulto para poder explicar e estabelecer os limites é indispensável (Santos et al., 2020).

Tendo em vista as considerações realizadas anteriormente, podemos refletir sobre como a falta do monitoramento do uso das telas pelas crianças, no cotidiano familiar, pode impactar diretamente o desenvolvimento infantil. No período de distanciamento social, muitas crianças passaram mais tempo em contato com as tecnologias, assim como seus pais e/ou responsáveis, com seus trabalhos no formato remoto. A problemática dos progenitores e responsáveis pelas crianças foi composta, nesse contexto, pela falta de tempo e condições suficientes para fazerem o controle do consumo digital realizado pelos próprios filhos.

Ao passo que o uso das telas pelas crianças deixou também de ser uma escolha, a partir do momento que foi usada como principal alternativa para o ensino e utilizada pelas instituições educacionais, aspecto que será explorado no próximo tópico.

4.2 O uso das telas e o contexto escolar

Neste tópico, trataremos questões que atravessaram o desenvolvimento da criança e a educação escolar, como a implementação do ensino remoto. O ensino remoto emergiu como uma solução

temporária adotada pelas instituições de ensino no início de 2020, levando em consideração a pandemia de COVID-19.

Considerando o artigo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as creches e pré-escolas são definidas como espaço não doméstico, sendo instituições de cunho educacional público ou privado para crianças de 0 a 5 anos, vinculadas em um órgão do sistema de ensino (Ministério da Educação [MEC], 2009). Dessa forma, podemos pensar que as atividades remotas auxiliaram as instituições e as crianças mas não deve-se considerar como Educação Infantil por não se passar dentro das escolas e por não ser supervisionada por algum órgão correspondente (Anjos & Francisco, 2021).

No ensino fundamental, previamente as aulas eram predominantemente presenciais. Embora algumas escolas já fizessem uso da tecnologia digital como suporte em suas aulas, isso não era uma prática generalizada, eram recursos utilizados como complemento às aulas. Entretanto, com o surgimento da pandemia, escolas, professores, alunos e responsáveis, buscaram alternativas para manter as aulas, de forma remota, utilizando atividades síncronas e assíncronas. Tal proposta demandou a adoção das tecnologias digitais, possibilitando a comunicação, interação e avaliação de estudantes, mesmo quando distantes fisicamente da escola. (Faria et al., 2022).

Na presente pesquisa, foram observadas, a partir da leitura dos artigos, a relação e as aproximações entre as famílias e as instituições escolares, de Educação Infantil ou de Ensino Fundamental, por meio das mediações de pais e/ou responsáveis pelas crianças junto às atividades educacionais promovidas por meio das tecnologias digitais em tempos de pandemia.

Em relação aos métodos de ensino utilizados na pandemia, para algumas faixas etárias foi possível propor aulas de forma remota, no entanto, para crianças mais novas era necessário contornar a situação, de modo que as famílias e as instituições intermediavam o ensino e, para que isso funcionasse, foram enviadas fisicamente ou eletronicamente as atividades de ensino (Silva & Carvalho, 2021).

Para melhor compreender o ensino remoto e as vivências das crianças, as autoras Silva e Carvalho (2021) propuseram uma roda de conversa com uma professora, uma mãe e uma criança da Educação Infantil, a qual havia o propósito de compreender como estavam funcionando esse momento dentro do “tempo midiático”². Essa pesquisa ocorreu via vídeo chamada e tinha como foco refletir sobre os impactos desse contexto de interações e ensino remoto para as crianças. Foi necessário um período longo para que as famílias pudessem entender que as crianças usaram as tecnologias, pois estavam em aula, além de precisarem de um tempo para organizar o cotidiano familiar (Silva & Carvalho, 2021).

Silvia e Carvalho (2021) expõem, porém, a desigualdade do acesso digital ao material que as instituições de ensino apresentavam às crianças e às famílias. Nesse contexto, nem toda família tinha acesso à internet e aos meios tecnológicos. Assim, algumas crianças ficaram mais prejudicadas em sua escolarização, pois houveram mais barreiras para atingir a educação emergencial no período de pandemia. Logo, o ensino desses sujeitos, nesse período, foi ainda mais desigual quando se compara crianças pobres e ricas.

Santana et al. (2022) abordam um estudo no qual foi discutido o cotidiano das crianças, de 8 a 12 anos, no período pandêmico. Nessa pesquisa, é mencionado que 62% das crianças jogavam todos os dias em tablets, computadores e celular, além disso, 18%, desses indivíduos, jogavam várias vezes ao dia. Destaca-se ainda o fato de que 22% das crianças vinculadas à rede pública de ensino afirmaram não usar esses dispositivos eletrônicos nenhum dia, em contraposição com as 16% das crianças vinculadas à rede de ensino particular. Outro ponto do estudo relaciona-se à diferença entre os estudantes da rede particular (14%) e pública de ensino (3%), os quais dizem jogar todos os dias e várias vezes ao dia (Santana et al., 2022). Tais dados sinalizaram divergências no que tange ao acesso das crianças às tecnologias digitais, tendo em vista as condições socioeconômicas das famílias, o que contribuiu para o estabelecimento de relações distintas das crianças com as telas.

² Tempo midiático: termo usado pelas autoras para exemplificar o momento atual onde as crianças crescem tendo contato com televisão, desenhos em 3D, internet, youtube entre outros.

Sobre a questão do vínculo infância-telas, foi observada a existência de diferentes avaliações por parte de autores que se debruçaram sobre a temática. Santos et al. (2020), apresentam um ponto positivo acerca do uso das tecnologias pelas crianças nas atividades escolares: a mediação da escola quanto ao uso dos dispositivos eletrônicos, em que foi ensinado o manuseio do computador e a realização de pesquisas. Desse modo, para as autoras, abriu-se novas oportunidades de chegar até o conhecimento (Santos et al., 2020).

Já Silvia e Carvalho (2021) apresentam duas visões sobre o uso das tecnologias para o desenvolvimento escolar das crianças na pandemia: a primeira visão é positiva, na qual foi abordado o uso a fim de ampliar os saberes e suas habilidades, porém reforçam a problemática do acesso às tecnologias não serem igualitárias a todas as crianças. A outra visão é negativa, em que é exposto o fácil acesso das crianças a desenhos em 3D, internet, afazeres interessantes e coloridos. Ponto esse que pode ter atrapalhado as escolas, pois essas mandavam muitas atividades em papel preto e branco, o que acabou sendo entediante para as crianças. (Silva & Carvalho, 2021).

Anjos e Francisco (2021) argumentam que o desenvolvimento total das crianças se dá a partir do contato delas com o próprio corpo através do lúdico e da interação com outras crianças. Dessa forma, não seria possível obter um desenvolvimento integral no período de pandemia, já que esses sujeitos foram privados do contato com outras crianças e estavam cada vez mais optando por atividades sedentárias (Anjos & Francisco, 2021).

Os docentes tiveram papel fundamental neste processo de desenvolvimento e escolarização dessas crianças, eles também sentiram muito a mudança do ensino presencial para o ensino remoto. Winters et al. (2022) expõe que houveram diversos sofrimentos por parte dos docente que tiveram que se adaptar a uma nova forma de ensino, como a solidão de não ter contato com outros colegas de trabalho como era no espaço físico das instituições, as mudanças radicais na forma do ensino. De forma que tiveram que dominar e aprender diversas ferramentas para poder prender a atenção e o interesse dos alunos, mas por outro lado as autoras também apontam que houve uma maior participação no processo de escolarização, na percepção dos docentes um trabalho que era

diretamente entre professor-aluno agora tem, a participação da instituição mais ativa devido a forma remota de ensino.

Kim (2020 apud Anjos e Francisco, 2021) fala da falta de preparo institucional para a utilização do ensino remoto com crianças pequenas. Dessa forma, a autora realizou uma capacitação de forma remota para “graduands” matriculados em curso de formação docente durante a pandemia do COVID-19, na qual foi proposta a realização de atividades docentes com crianças pequenas

Diante disso, essa capacitação permitiu encontros de 30 minutos gravados para que os docentes pudessem aprender a como manusear os instrumentos tecnológicos e ao mesmo tempo captar a atenção das crianças e fazê-las participarem das aulas com ajuda de comentários de um professor específico da disciplina (Kim 2020, apud Anjos & Francisco, 2021). É comentado também sobre a necessidade de propor atividades permanentes para esses indivíduos de forma lúdica, gerando uma maior e melhor interação delas para com o docente. Kim (2020, apud Anjos & Francisco, 2021) ressalta a importância do conhecimento ser passado, também, para os responsáveis, já que eles eram os mediadores das atividades com as crianças.

Diante do exposto, foi possível observar as múltiplas facetas e a complexidade da implementação do ensino remoto emergencial no contexto do ensino e de aprendizagem pelas crianças durante a pandemia, o que trouxe significativos desafios dentro do contexto familiar e institucional. Evidenciou-se também a desigualdade social e digital a qual vivemos no Brasil, além de destacar a importância da mediação entre as crianças e do ponto de vista tecnológico, feita por seus familiares e/ou responsáveis.

Foi possível observar, ainda, a necessidade de um preparo maior por parte institucional e a necessidade de um tempo de adaptação ao novo formato de ensino pelos familiares, ressaltando a importância de abordar o ensino remoto na educação infantil e a relação tela-infância de maneira sensível, considerando as necessidades específicas das crianças e promovendo a equidade no acesso à educação e o desenvolvimento das crianças.

5. Considerações finais

Ao longo da pandemia de COVID-19, observou-se que o uso das telas pelas crianças se deu para fins educativos e de entretenimento, sendo uma das principais atividades das crianças durante o período de distanciamento social. Há indícios de que, para as famílias que tinham posições socioeconômicas de maior privilégio, as crianças passavam mais tempo usando as tecnologias digitais, até pelo fato de terem acesso próprio a esses instrumentos e não precisarem usar os de seus responsáveis. As tecnologias eram utilizadas em atividades escolares, e pelos responsáveis/pais como uma ferramenta para deixar as crianças entretidas, calmas, em momentos de trabalho remoto e de atividades que demandavam somente os adultos.

Em todos os textos, analisados na presente pesquisa, mais de um tema que atravessa a convivência dentro de casa e a escolarização das crianças no período de pandemia é abordado, considerando que são temas importantes para a compreensão do desenvolvimento infantil. Alguns abordam os efeitos do contexto pandêmico para a alimentação, a desigualdade social e a precária realização de atividade física, como temas principais, onde o uso das telas aparece como elemento que influencia e constitui tais fenômenos e o desenvolvimento das crianças. Tal fato nos indica a importância de analisarmos o uso de telas na infância considerando elementos contextuais e sociais que atravessam e compõem os contextos desenvolvimentais das crianças.

De todas essas questões que foram indicadas e discutidas no corpo da presente monografia, o que mais chama atenção é perceber que o uso dessas tecnologias já estava influenciando as vidas das crianças desde a globalização. Porém, a partir do momento em que elas “perdem” as oportunidades de trocas presenciais por causa da pandemia, sendo com outros adultos e até mesmo com seus pares, esse uso ou abuso de telas começa a ser uma das atividades principais do dia a dia das crianças, que são envolvidas em práticas alimentares não saudáveis, distanciam-se das atividades físicas, e têm reduzidos seus tempos e espaços para as brincadeiras.

Os autores da área demonstraram, ainda, preocupações com o uso excessivo das tecnologias e/ou quanto ao conteúdo consumido pelas crianças. Como foi observado, existem várias problemáticas

quanto a falta de monitoramento do uso das telas na infância, tendo em vista o fato de que as famílias precisavam lidar com múltiplas demandas, ao mesmo tempo em que o uso das tecnologias foram a única forma de contato social e escolar que as crianças tiveram durante o período de distanciamento social. A pesquisa indicou que tal uso poderia afetar a saúde das crianças, sua aprendizagem e o seu desenvolvimento integral.

As informações analisadas nos convidam, portanto, a pensarmos o desenvolvimento das crianças tendo em vista a qualidade de vida e de trabalho dos adultos cuidadores, bem como das instituições educacionais. Na pandemia de COVID-19, evidenciamos, por meio dessa investigação, que os movimentos de aproximações das crianças às telas e de distanciamentos das atividades lúdicas, por exemplo, foram se configurando a partir das condições e propostas forjadas dentro dos contextos familiares e escolares, imersos em uma matriz social e histórica. Entendemos que tais questões colaboram com a reflexão sobre possíveis intervenções em diferentes contextos sociais, de forma a contribuir com o desenvolvimento integral das crianças.

Na presente pesquisa, constatamos, ainda, que o tema tela e infância foi, por vezes, abordado de forma secundária e/ou superficial, até porque não haviam parâmetros e informações abrangentes para um debate mais aprofundado sobre como a pandemia estava influenciando as crianças. Evidenciamos, por meio dessa investigação, a precariedade de estudos publicados na área, considerando, dentre outros elementos, o fato de a pandemia de COVID-19 ter sido um evento recente do ponto de vista histórico. Nesse cenário, o objetivo deste trabalho foi justamente lançar luz a alguns conteúdos ligados à infância para que sejam mais trabalhados e desenvolvidos conforme vamos observando o efeito da pandemia em nossas vidas. Consideramos ser necessário, ainda, a ampliação de estudos na área e que tenham como temática principal o debate sobre as telas e as infâncias.

Defendemos a ideia de que futuras pesquisas na área tenham como foco o uso das telas pelas crianças na pandemia e pós pandemia, abarcando diferentes idades e posições socioeconômicas das crianças, bem como explorando os pontos de vista das famílias, das escolas, e das crianças. A construção de intervenções e de conhecimentos na área são relevantes para garantir o desenvolvimento

da criança de forma integral. Além de ser um aporte para os psicólogos clínicos e escolares que estão em contato com os efeitos desse uso e da pandemia em seus cotidianos, dessa forma a atual investigação possa oferecer contribuições para ajudar esses profissionais a cuidar dos assuntos discutidos e seus efeitos.

Por fim, gostaria de deixar uma reflexão a partir de uma experiência pessoal vivida fora do país durante o mesmo momento de pandemia global, em que o brincar se manteve importantíssimo e essencial, independente das culturas diferentes. Mesmo que a vivência particular tenha sido fora do Brasil, onde não necessariamente foi observado um maior uso das telas dentro do meio a qual estava inserida, com a escrita e o estudo deste trabalho foi possível observar o papel do brincar na constituição da criança como ser, e o quanto isso foi afetado pelas tecnologias no Brasil, levando em consideração a organização familiar influenciadas pela cultura brasileira.

6. Referências

- Araujo, A. S. (2022). *Reorganização do cotidiano familiar em tempos de pandemia: táticas de mães para a aprendizagem dos filhos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nove de Julho, São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/3119> Acesso em: 05 nov. 2023.
- Anjos, C. I., & Francisco, D. J. (2021). Educação Infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia. *Zero-a-Seis*, 23(1), 125-146. doi: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79007>.
- Barbosa, A. L. A., Anjos, A. B. L., & Azoni, C. A. S. (2022). Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19. *CoDAS*, 34(4), 1-7. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20212020373>.
- Câmara, H., Pereira, M., Couto, G., Dias, A., Markus, G., Lourenço, L., & Pereira, R. (2020). Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais/Main biopsychosocial damages in abusive use of child technology: parental

perceptions. *Revista de psicologia*, 14(51), 366-379.
doi:<https://doi.org/10.14295/idonline.v14i51.2588>.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2020). *Quem Somos*. Disponível em:

<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html>. Acesso em: 20 de nov. 2023.

Comissão Interna de Saúde do Servidor Público (2021). *Nº11/2021 - 8 de abril de 2021*. Disponível em:

<https://www.cetem.gov.br/antigo/images/Informe-CIISP-N-11-Mutacao-variante-e-cepa-entenda-o-significado-de-cada-um-dos-termos.pdf>. Acesso em: 12 de nov. 2023.

Conceição, A. P. S., & Ramos, R. L. (2021). Contexto contemporâneo de pandemia COVID-19: qual o lugar das infâncias e do direito ao brincar?. *Revista Humanidades e Inovação*, 8(68), 130-141. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7034>. Acesso em 15 jun. 2023.

Conselho Nacional de Saúde. (2020). *Recomendações Nº 036, 11 DE MAIO DE 2020*. Disponível em:

<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-mai-o-de-2020>. Acesso em: 20 de nov. 2022.

Classificação Internacional de Doenças. (2022). *Mortality and Morbidity Statistics*. Disponível em <https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http://id.who.int/icd/entity/1448597234>. Acesso em: 1 de nov. 2023.

Faria, D. C., Neri, F. A. S., Gonçalves, L. M., & Damasceno, F. F. (2022). DESAFIOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO ENSINO REMOTO: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS MEDIADAS POR TECNOLOGIAS DIGITAIS. *Revista Docência E Cibercultura*, 6(5), 89–107. <https://doi.org/10.12957/redoc.2022.6569>.

- Lima, T. C. S., & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálisis*, 10(1), 37-45. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>.
- Lima, L. P., Carvalho, R. S., & Silva, A. P. S. (2022). THE PERSPECTIVE OF FAMILIES TOWARDS REMOTE ACTIVITIES FOR EARLY CHILDHOOD EDUCATION IN TIMES OF COVID-19. *Zero-a-Seis*, 24(45), 265-285. doi: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2022.e84086>.
- Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia*, 37(1), 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>.
- Mathias, E.L. U., & Gonçalves, P. J. (2017). As Tecnologias Como Agentes de Mudança nas Concepções de Infância: Desenvolvimento ou Risco para as Crianças?. *Horizontes*, 35(3), 162–174. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v35i3.485>.
- Ministério da Educação. (2009). Resoluções CEB 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13684-resolucoes-ceb-2009>. Acesso em: 07 de nov. 2023.
- Moreira, J. A., & Schlemmer, E. (2020). Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. *Revista UFG*, 20(26), 1-35. <https://doi.org/10.5216/revufg.v20.63438>.
- Organização Mundial da Saúde. (2021). *Folha Informativa sobre COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 01 de nov. 2022.
- Organização Pan-Americana de Saúde. (2021). *Folha Informativa sobre COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 01 de nov. 2022.
- Proetti, S. (2017). As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. *Revista Lumen*, 2(4), 1-23. <https://doi.org/10.32459/revistalumen.v2i4.60>.

- Queiroz, N. L. N., Maciel, D. A., & Branco, A. U. (2006). Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia*, 16(34), 169–179. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000200005>.
- Rolim, A. A. M., Guerra, S. S. F., Tassigny, M. M. (2008). Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Revista Humanidades*, 23(2), 176-180. Disponível em: https://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf. Acesso em: 15 de out. 2023.
- Sá, C. S. C., Pombo, A., Luz, C., Rodrigues, L. P., & Cordovil, R. (2021). COVID-19 SOCIAL ISOLATION IN BRAZIL: EFFECTS ON THE PHYSICAL ACTIVITY ROUTINE OF FAMILIES WITH CHILDREN. *Revista Paulista De Pediatria*, 39(1), 1-8. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020159>.
- Santana, J. P., Lordelo, L. R., Ferriz, A. F. P. (2022). Quanto tempo o tempo tem? O cotidiano das crianças durante a pandemia do COVID-19. *Cadernos Cedes*, 42(118), 335-346. <https://doi.org/10.1590/CC252948>.
- Santos, M. S., & Lima, S. R. R. (2023). A PERCEPÇÃO DE PAIS E CUIDADORES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A PANDEMIA DE COVID-19 E O USO DE TELAS POR CRIANÇAS. *Revista Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida*. 15(1), doi: 10.36692/15n1-21.
- Santos, T. A. S., Rezende, K. T. A., Santos, I. F., & Tonhom, S. F. R. (2020). O acesso a tecnologias pelas crianças: necessidade de monitoramento. *Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*, 38(1), 38-48. <https://doi.org/10.17013/risti.38.48-63>.
- Silva, V. (2021). COVID-19 e ensino remoto: Uma breve revisão da literatura. *Sensos-E*, 8(1), 55–63. <https://doi.org/10.34630/sensose.v8i1.3777>.
- Silva, M. B., & Carvalho, J. N. M. (2021). Desafios da Educação infantil em tempos de pandemia: A tecnologia em questão. *Periferia*, 13(3), 257-278. doi: 10.12957/periferia.2021.63136.

- Silva, J. P. F., Castro, M. C., Aquino, C. M., Souza, C. R. B., Rocha, H. A. L., Correia, L. L., Altafim, E. R. P., Oliveira, F. A., & Machado, M. M. T. (2022). Implicações da COVID-19 no cotidiano de famílias nordestinas e no cuidado infantil. *Saúde e Sociedade, 31*(1), 1-11. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210287>.
- Sirgado, A. P. (2000). O Social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade, 21*(71), 45-78. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200003>.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2018). CID 11 define uso abusivo de jogos eletrônicos como doença. *SBP*. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/cid-11-define-uso-abusivo-de-jogos-eletronicos-como-doenca/>. Acesso em: 22 de out. 2023.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). *Manual de Orientação: Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital*. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf. Acesso em: 21 de nov. 2023.
- Tonucci, F. (2020). Francesco Tonucci: “Não percamos esse tempo precioso com lição de casa”. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-12/francesco-tonucci-nao-percamos-esse-tempo-precioso-dando-deveres.html?ssm=whatsapp>. Acesso em: 14 de mai. 2022.
- Vigotski, L. S. (2008) A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, 8*(1), 26-36, 2008. Disponível em: <https://atividart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf>. Acesso em: 27 de nov. 2023.
- Winters, J. R. da F., Nogueira, D. R., Heidemann, I. T. S. B., Durand, M. K., Magagnin, A. B., & Arakawa-Belaunde, A. M.. (2023). Remote teaching during the COVID-19 pandemic: repercussions from professors’ perspective. *Revista Brasileira De Enfermagem, 76*, e20220172. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0172>